

As práticas jornalísticas contemporâneas – um olhar feminino¹

Practices newspaper contemporary - a feminine look

Caroline Ferrari Farah ²
Marli dos Santos ³

Resumo

Este projeto aborda as novas práticas jornalísticas de investigação e sua aplicação no trabalho das jornalistas. O objetivo da pesquisa é investigar o impacto das novas práticas no jornalismo na atuação da mulher nas redações, especialmente no Jornalismo Investigativo, tendo em vista aspectos como o relacionamento nas redações e com as fontes; temas de cobertura; a influência das tecnologias, especialmente as tecnologias digitais, e o que isso representa no exercício diário da profissão. Também serão observados aspectos éticos e as possíveis dificuldades enfrentadas em razão do gênero. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas com jornalistas premiadas com reportagens investigativas. Foi observado que o olhar feminino aparece quando as jornalistas trabalham com temáticas voltadas ao gênero.

Palavras-Chave: Jornalismo investigativo, Mulheres, Novas práticas no jornalismo

¹ Trabalho apresentado no II Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo, realizado na Universidade Anhembi-Morumbi, cidade de São Paulo, entre 23 a 25 de junho de 2016.

² Caroline Ferrari Farah graduanda de Jornalismo na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) 2015/2016.

³ Marli dos Santos é jornalista, docente do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, Marli dos Santos é orientadora deste projeto.

Abstract

This project addresses the new journalistic practices research and its application in the work of journalists. The objective of the research is to investigate the impact of new practices in journalism on women's role in newsrooms, especially in Investigative Journalism, considering aspects such as the relationship in newsrooms and to the sources; coverage issues; the influence of technology, especially digital technologies, and it is in the daily practice of the profession. It will also be observed ethical and possible difficulties due to gender. This is a qualitative research, in which we used semi-structured interviews with journalists awarded investigative reporting. It was observed that the female looks appears when journalists work with thematic focused in gender.

Keywords: Investigative Journalism, Woman, New practices in journalism

.....

1. Introdução

As mulheres vêm ocupando lugares de destaque no mercado profissional, e no jornalismo observa-se o crescimento de jornalistas na área. Em pesquisa realizada pela Universidade Federal de Santa Catarina sobre o perfil do jornalista, verificou-se que quase 64% do mercado de jornalismo é ocupado por mulheres. No Brasil e no mundo, também é possível verificar algumas mulheres ocupando espaços de destaque na imprensa, embora ainda seja minoria. Os exemplos da Rádio CBN, que possui uma diretora de jornalismo, Marisa Tavares, e o do jornal britânico *The Guardian*, que tem Katharine Viner como diretora - a primeira mulher a ocupar o cargo em 149 anos do jornal, mostram a participação feminina em cargos de comando.

Há um processo de feminização na profissão que, a princípio, nos leva a refletir sobre os possíveis impactos na produção jornalística, em especial no jornalismo investigativo. Nesse sentido, o objetivo dessa pesquisa é investigar o impacto das novas práticas no jornalismo na atuação da mulher nas redações, tendo em vista aspectos como o relacionamento nas redações e com as fontes; temas de cobertura; a influência das tecnologias, principalmente as digitais, e o que isso representa no exercício da profissão. Também são observados aspectos éticos e as

possíveis dificuldades enfrentadas em razão do gênero. Partindo deste ponto de vista analisamos como as novas práticas refletem a mudança social nas relações da mulher com o trabalho.

O trabalho compreende uma pesquisa bibliográfica, que tem como objetivo coletar dados e informações sobre a atuação da mulher no jornalismo, com foco no jornalismo brasileiro. Além disso, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com jornalistas que atuam no jornalismo investigativo, para conhecer dificuldades, percepções e desafios.

2. O jornalismo investigativo e suas características

O jornalismo investigativo surgiu nos Estados Unidos e seu símbolo marcante foi o escândalo de Watergate. Por meio das investigações feitas pelos jornalistas Bob Woodward e Carl Bernstein sobre a ligação da Casa Branca ao assalto do edifício de Watergate, eles descobriram que o presidente Richard Nixon tinha conhecimento das espionagens políticas o que culminou com a sua renúncia. Como explica Moral (2004, p.126), a partir desse caso a imprensa assumiu a função social de representante do interesse público.

Esse período de revelação de grandes escândalos políticos que culminou com a ascensão do jornalismo investigativo ficou conhecido como “A Era dos Muckrackers”, como explica Melo (2015, p. 3):

O movimento *muckraker* surge no início dos anos 1900 como consequência de vários fatores que envolvem a própria cultura da imprensa no país (a ausência da concepção de responsabilidade social do jornalismo, por exemplo). No entanto, dois fatores são apontados como fundamentais para o desenvolvimento do período de revelações: 1) o aumento da competição entre os veículos jornalísticos (jornais e revistas); 2) a existência de uma sociedade insatisfeita com o governo, com o crescimento desenfreado de algumas corporações sem regulamentação governamental e com as difíceis condições de vida nos grandes centros urbanos.

O jornalismo investigativo surgiu a partir da necessidade de verificar a informação que se obtinha do acolhimento da informação com a das fontes independentes e das assessorias de imprensa, de acordo com Fortes (2005). A televisão foi outro grande fator impulsionador, pelo impacto na cobertura factual, além da insatisfação popular com o governo, manifestada em vários movimentos sociais.

No Brasil, o jornalismo investigativo surge a partir de 1970 e é marcado pela relação direta com a política. De acordo com Sequeira (2005, p.20), surgiu pela necessidade de mostrar uma nova dimensão da notícia que inclui os seus antecedentes, suas significações indiretas e seus conceitos. Entretanto, foi com o impeachment de Collor que os métodos de investigação tornaram-se organizados dentro das redações.

Os sucessivos escândalos ocorridos entre 1990 e 1992, durante a gestão do presidente Fernando Collor de Mello, resultaram em uma febre investigatória francamente disseminada na imprensa nacional. Pode-se dizer que o *impeachment* de Collor é o marco zero do jornalismo investigativo no Brasil. A partir dele, jornalistas e donos de empresas de comunicação viram-se diante de uma nova e poderosa circunstância, com conseqüências ainda a serem dimensionadas. (FORTES, 2005, p.9)

Fortes também diferencia os métodos investigativos e a atuação do profissional dos demais setores da atividade devido às circunstâncias, que geralmente são mais complexas, dos fatos, sua extensão noticiosa e o tempo de duração que, necessariamente, deve ser maior, embora quase sempre seja exercido sobre pressão. O autor divide em fases as etapas da produção investigativa: pesquisa minuciosa, paciência e concentração, curiosidade e desconfiança, descrição, checar, libertar-se de preconceitos, frieza, objetividade e precisão.

Na Europa, o jornalismo investigativo tem uma característica específica, ele surgiu a partir do mercado editorial de revistas. Como explica Sequeira (2005, p.20), “a necessidade de mostrar uma nova dimensão da notícia que inclui, os seus antecedentes, suas significações indiretas e seus conceitos”.

De acordo com Moral (2004), o jornalismo investigativo incorporou em seu método de produção, devido às exigências das *audiências de massa*, que não se satisfaziam mais com a notícia superficial que recebiam e passaram a cobrar maior rigor na apuração da notícia. Até então os jornalistas trabalhavam com métodos generalistas e sentiram a necessidade de utilizar métodos próprios do jornalismo investigativo. Essa coexistência entre os gêneros jornalísticos fez com que o jornalismo investigativo alcançasse um público maior.

Moral (2004, p.124) define o jornalismo investigativo como “Um trabalho que busca denunciar pessoas, instituições e empresas cujas atividades ameaçam o interesse público, trata-se de informar com rigor e profundidade o que verdadeiramente acontece no meio social e o que significa para a sociedade”⁴.

Segundo Melo (2015, p.2), a importância do trabalho do jornalista na produção da matéria investigativa – e também a exclusividade do trabalho, requer que seja feito somente por profissionais da área:

Na bibliografia nacional, a definição que predomina é aquela que identifica o jornalismo investigativo com um jornalismo que exige a participação ativa do jornalista na descoberta de fatos que alguém tenta esconder do público. Este entendimento está fortemente amparado na clássica definição da instituição americana IRE (Investigative Reporters and Editors), segundo a qual existem três pré-requisitos para que uma reportagem seja considerada investigativa: 1) A investigação deve ser fruto do trabalho de um jornalista; 2) O tema da investigação deve ser relevante para o leitor; 3) O assunto deve ser algo que alguém está tentando ocultar do público.

Melo também ressalta que o jornalismo investigativo adquiriu as características do modelo estadunidense e não incorpora as especificidades de cada país onde é praticado, segundo ela:

O que observamos nestes trabalhos é o reforço daquela definição cunhada para o jornalismo investigativo norte-americano sem a reflexão da forma que o jornalismo investigativo realmente assume no Brasil, de suas possíveis

⁴ Tradução nossa

particularidades e das consequências que isso poderia ter em uma definição dessa especialidade jornalística em nosso país. (2015, p. 2)

Os acontecimentos de interesse público e que de alguma forma interferem na realidade social são os temas abordados pelo jornalismo investigativo. Mas, com o advento das novas tecnologias, esse gênero adquiriu novas características, a chamada “sociedade da informação” fez com que o jornalismo (não somente o investigativo) enfrentasse uma nova realidade: o internauta passou a interagir com a informação e assumiu o papel de receptor e emissor de informação.

O jornalismo ganha notoriedade por se aprofundar nas temáticas, mas também como as outras áreas precisou encontrar novas formas para gerir o conteúdo devido a criação de novas plataformas. Agora, além de monitorar as notícias os jornalistas precisam se atentar ao que é veiculado nas redes sociais e também nos aplicativos de mensagens. Hoje também é possível que os leitores/internautas colaborem com os veículos, denunciando ou sugerindo pautas. De acordo com Coelho (2016, p. 72), “é necessário que os jornalistas entendam como o uso das novas aplicações em diferentes plataformas pode ajudar na transformação e no ofício”.

O uso de dados é uma dessas novas práticas. No jornalismo investigativo, uma das estratégias utilizadas para a coleta de dados e organização de informações que podem ser analisadas e interpretadas, com potencial noticioso é o Big data, que consiste na coleta, leitura e análise de dados. Dessa forma, o jornalista consegue esmiuçar dados, que sem a devida análise e processamento nada representam. E essa é uma tarefa do jornalista, tornar os dados visíveis e compreensíveis ao público.

3. A mulher e sua inserção no jornalismo investigativo

Queiroz (2013) aponta o trabalho da jornalista Nellie Bly – pseudônimo adotado por Elizabeth Jane Cochran – como um marco na história da imprensa no final do século XIX. Ela é representante do chamado jornalismo performático, cuja principal característica é o uso da identidade falsa para se obter informação. Ela adotou essa prática para conseguir destaque em

suas matérias e sair das páginas femininas que abordavam temas como os cuidados com a casa, marido e filhos. Essa técnica possibilitou o protagonismo das mulheres em reportagens investigativas que até então eram feitas somente por homens.

Durante essa época, os papéis eram definidos e o estudo para as mulheres ainda era restrito aos cuidados da casa e da família. Por isso, o número de mulheres no mercado de trabalho, sobretudo na área jornalismo - o objeto deste estudo, ainda era pequeno.

As manifestações sufragistas foram marcadas pela luta para o alcance de direitos políticos e sociais e emancipação feminina, que junto com os movimentos feministas serviram de base para alguns questionamentos e fizeram com que as pessoas repensassem modelos de conduta, exigissem mudanças, repudiassem as práticas tradicionais, questionassem relações de poder e exigissem igualdade.

O avanço econômico resultado de imigrações e fim da escravidão criou um novo perfil populacional que impulsionou a ida das mulheres ao mercado de trabalho. Porém, essa ascensão não representava a igualdade de direitos. No Brasil, uma das dificuldades encontradas pelas mulheres ao ingressar no mercado de trabalho no início do século XX era o fato de que a mulher só poderia trabalhar mediante a autorização do pai ou do marido, essa lei só foi modificada com a criação do Estatuto da Mulher em 1962, que extinguiu a Lei 4.121/62.

Lipovetsky descreve a ascensão de um novo feminismo:

No decurso dos anos 60, surge um novo feminismo que lança as suas flechas não contra a maneira como as mulheres são socializadas e submetidas ao ideal romanesco sentimental. Na efervescência dos anos rebeldes, a religião feminina do amor deixou de ser linear e passou a ser analisada como uma forma de ópio das mulheres. (Lipovetsky, 200, p.23)

O início da atuação das mulheres nas redações do Brasil tem como característica as editorias que a elas eram designadas. De acordo com Ramos (2009), geralmente eram oferecidos cargos em suplementos femininos, colunas do gênero ou assuntos “leves”.

Segundo Pinsky (2012, p. 127), o “trabalho feminino” é marcado pela polissemia, alguns confundem as funções domésticas como uma função destinada biologicamente à mulher, que era vocacionada ao trabalho laboral e tinha que conciliar as funções ditas naturais ao seu gênero com as atividades remuneradas no próprio domicílio ou a participação da mulher no mercado de trabalho. Por isso, o trabalho chegou a ser questionado como impeditivo das “funções naturais” da mulher.

Essas divisões se devem à razão androcêntrica, que legitima a figura masculina como dominadora e superior, enquanto a feminina é oprimida e foi construída como frágil e dependente do homem, tendo como justificativa as características biológicas. Como explicado por Bourdieu (2002), essas relações de poder e dominação são frutos de uma construção social naturalizada que define as posições que são atribuídas ao homem e a mulher na sociedade.

Essas relações são características dessa geração e, segundo Boff (2007), o poder está sempre presente na relação entre o homem e a mulher, e pode ser observado nas diferentes esferas sociais: família e sociedade. Essas relações de poder, marcadas pela submissão e opressão do gênero feminino, fez com que as instituições sociais e culturais perpetuassem a distribuição desigual e opressora de poder entre os sexos. Elas nos mostraram que as grandes instituições de nossa cultura são criações do patriarcado. Essas instituições explicadas por Boff (in BOFF; MURARO, 2002), são mais complexas:

Como categoria de análise, o patriarcado não pode ser entendido apenas como dominação binária macho-fêmea, mas como uma complexa estrutura política piramidal de dominação e hierarquização, estrutura estratificada por gênero, raça, classe, religião e outras formas de dominação de uma parte sobre a outra. Essa dominação plurifacetada construiu relações de gênero altamente conflitivas e desumanizadoras para o homem e principalmente para a mulher. (BOFF; MURARO, 2002, p.55)

Para Boff (2002, p.23) “as diferenças biológicas se ordenam à reciprocidade e complementariedade. E os conflitos surgem quando rompemos esse equilíbrio dinâmico, um polo prevalecendo sobre o outro, dominando-o ou subalternizando-o, como historicamente

sempre ocorreu”. Assim, a discussão trazida pelo feminismo estabeleceu a conscientização sobre a dominação dos sexos e conseqüentemente as relações de poder do ciclo patriarcal e análise de como foram construídas.

As relações do patriarcado não se referem somente à diferença entre os sexos como também das relações sociais já estabelecidas, como explica Scott (1989, p. 10): ”a fonte das relações desiguais entre os sexos é, afinal de contas, as relações desiguais entre os sexos. Apesar dela afirmar que a desigualdade – que tem as suas origens na sexualidade – está integrada em “todo o sistema de relações sociais”.

Segundo o relatório de 2015 Projeto Global de Monitoramento da Mídia (Global Media Monitoring Project)⁵ houve aumento no número de mulheres que atuam no jornalismo na América Latina.

A pesquisa aponta que embora um maior número de mulheres trabalhem na área, as mesmas não ocupam os cargos de chefia, que na maioria das vezes são assumidos por homens. Isso ocorre pela relação histórica de dominação entre os sexos. Como explicado por Foucault (1979, p. 149), há um enraizamento do poder e por isso ainda existe a dificuldade de se quebrar comportamentos e vínculos. O relatório também menciona que em noticiários políticos e econômicos as matérias focadas em mulheres ocuparam respectivamente 5% e 7% de espaço na mídia.

Assim, no próximo tópico pretendemos entender essas questões de forma empírica, por meio de entrevistas com jornalistas que atuam na área investigativa, mas em diferentes veículos. Observamos que o número de entrevistas realizadas mostram alguns aspectos do tema proposto, que busca discutir as relações entre jornalismo e gênero, porém, certamente ampliar o número de entrevistadas, com perfis diferenciados, torna-se necessário no futuro para verificar com mais amplitude e consistência as tendências dentro dos objetivos propostos.

⁵ Mais informações podem ser encontradas em : http://www.abraji.org.br/?id=90&id_noticia=3306

4. Jornalistas investigativas em ação

Entrevistamos três jornalistas mulheres que atuam na área investigativa e que possuem diferentes perfis. A entrevistada 1 (E-1) tem 10 anos de experiência, atua em uma revista impressa da grande imprensa. A entrevistada 2 (E-2) tem uma experiência mais diversificada, trabalha em uma agência de notícia. A entrevistada 3 (E-3) tem três décadas de experiência e sempre atuou na editoria de polícia, trabalha em uma emissora de televisão. As entrevistas foram gravadas e transcritas, sendo posteriormente categorizadas de acordo com as questões-tema..

4.1 Inserção no Jornalismo Investigativo

As entrevistadas têm experiências diferentes na área investigativa. A E-1 sempre atuou na área política e trabalha há bastante tempo no atual veículo. Apesar da instabilidade e enxugamento das redações verificamos que a profissional está na posição de uma jornalista que faz coberturas especiais e a probabilidade dela ser substituída é menor dada a complexidade do trabalho executado. O jornalismo investigativo se insere na carreira da E-1 logo nos primeiros anos de profissão, quando surgiu a oportunidade de trabalhar nas eleições e desde então atua na área política.

A E-2 tem uma experiência bem diversificada, atualmente o foco da sua investigação jornalística é na área de direitos humanos. Embora ela não tivesse conhecimento profunda das técnicas investigativas, afirmou que desde o início da sua carreira já fazia jornalismo investigativo por meio de reportagens especiais, que ela define como “aquele que aprofunda uma questão, investiga um assunto, um fato, aprofunda um olhar sobre o assunto, que percorre uma denúncia, que vai pra rua e que no fim consegue algo” (informação verbal) ⁶. Ela avalia que a discussão sobre o jornalismo investigativo no Brasil foi trazida pelos veículos independentes com foco no jornalismo investigativo.

⁶ Informação concedida na entrevista com a jornalista.

Já a E-3 atuou em poucos veículos, porém trabalhou por longos períodos em cada um deles – estabilidade que pode ser explicada pela época em que a jornalista começou a trabalhar em redações (anos 1980). Por ter sempre atuado em polícia, a E-3 tornou-se uma grande especialista no assunto. Desde o início de sua carreira buscou trabalhar na área investigativa policial, mas a possibilidade de as mulheres conseguirem espaço nessa editoria era difícil. Quando começou a profissional revela que era perceptível o preconceito dos chefes, como relata no seguinte trecho: “Quando eu me formei eu tinha muito interesse na área policial [...] mas era em um momento em que mulheres não faziam isso, tinha um preconceito de mulher fazer polícia, e o preconceito vinha, como eu percebi com o tempo, dos chefes machistas das redações que na época era formada todas por homens” (informação verbal) ⁷.

As mulheres sempre tiveram maior dificuldade em trabalhar em espaços vistos como masculinos, e no jornalismo não é diferente. Como explica Pinsky (2012, p. 127), sobre a inserção feminina no mercado de trabalho, as mulheres “enfrentaram as maiores dificuldades quando foi necessário superar os preconceitos existentes, sobretudo, nos setores mais conservadores, tidos com tradicionalmente masculinos”.

4.2 Jornalismo contemporâneo

Segundo a entrevistada E-2 o gênero não impacta na produção da notícia, porém, dependendo do tema se cria maior empatia, principalmente quando ligado à questão da mulher e vulnerabilidade. Já para as entrevistadas E-1 e E-3 algumas características diferenciam a produção noticiosa das mulheres e dos homens, como o olhar mais humano.

Para a E-1, o gênero não influencia na produção da reportagem, mas analisou que talvez ela se depare mais e tenha interesse em produzir matérias voltadas à questão de gênero, pelo

⁷ Informação concedida na entrevista com a jornalista.

fato de ser mulher. Ela acha relevante produzir matérias sobre a condição de gênero, e independentemente da área, a profissional destaca que o jornalismo acaba tendo um direcionamento na matéria que se quer contar. Para a E-2 não se pode dizer se o gênero influencia na produção da notícia, ela ressaltou as jornalistas investigativas na área que são reconhecidas pelo seu trabalho. Já para a E-3 existem diferenças entre a produção feminina e a masculina, talvez essa diferença de opinião possa ser explicada pelo tempo de carreira de cada jornalista. A entrevistada E-3 iniciou a carreira em um tempo em que não havia oportunidades para a mulher na área e dessa forma elas se diferenciavam na produção da notícia.

Moral (2004) verifica que a investigação jornalística na internet é um objetivo necessário e urgente para a produção da notícia. As entrevistadas apontaram também a importância das novas ferramentas no método de apuração, bem como na aproximação com as fontes. Para a E-1 há uma evolução nos procedimentos, como por exemplo, os acessos aos dados públicos, citando a prática do jornalismo de dados e também ferramentas que facilitam à chegada a um determinado resultado através do Big Data. Na entrevista a jornalista citou: a apuração, entrevista e o cruzamento de dados como importantes para o jornalismo contemporâneo, e apontou as novas tecnologias como aliadas para se chegar a um resultado mais rápido. Isso se deve ao fato de a jornalista pertencer a uma geração que já iniciou no jornalismo digital, tendo a internet como aliada.

A E-2 falou sobre a importância e democratização do acesso à informação pela internet e também sobre a possibilidade de se alcançar mais pessoas no universo digital, por meio de sites e redes sociais as pessoas comentam, opinam e compartilham a reportagem. Ela também ressaltou a importância do jornalista ir para a rua apurar e checar, para não cair no comodismo de procurar tudo apenas na internet. A E-3 também apontou a aproximação com as fontes, tendo a internet como apoio fundamental para chegar mais rápido a um resultado, sem dispensar a apuração. Podemos observar que a apropriação das novas ferramentas é comum no método investigativo das jornalistas, assim, podemos verificar, como um dos aspectos apontados por Melo, que o internauta passa a ter um papel de consumidor e produtor de informação noticiosa, contribuindo também para sugestão de pautas.

4.3 Desafios

Todas as entrevistadas destacaram que o maior desafio encontrado pelo Jornalismo Investigativo atualmente é atrair o público, principalmente quem utiliza a internet para se informar. Segundo elas, a grande dificuldade encontrada é equilibrar as notícias imediatas com as reportagens aprofundadas.

Para Moral (2004) é necessário que o jornalista saiba lidar com essa tarefa difícil e aliar essas ferramentas nas etapas da produção noticiosa. Assim, o jornalismo deve continuar denunciando – assim como vinha fazendo – as atividades que vão contra o interesse público, aplicando a metodologia especializada.

Quando questionada sobre os desafios da mulher considerando o gênero e o tema, para a E-1 não existe a diferenciação entre o trabalho do homem e da mulher. A jornalista ressaltou a ocupação das mulheres nas redações. Já para a E-2 as mulheres ainda precisam vencer a misoginia e o assédio sexual dentro das redações. Ela destacou que o machismo ainda é uma realidade, em alguns casos as profissionais são oprimidas ao serem questionadas sobre, por exemplo, o seu método de apuração. Nesse caso são postas em evidência as questões de gênero, o que não aconteceria se fosse um homem. Segundo a jornalista entrevistada: “a mulher ainda é questionada por seu profissionalismo e ainda assim quando o cargo superior é colocado em xeque ele [o homem] acaba apelando para questões de gênero pra submeter aquela profissional [...] muitas vezes a profissional vai ser questionada no seu profissionalismo e técnica”⁸. Trata-se de comportamento enraizado nas relações de poder entre gêneros, a dificuldade de se quebrar os vínculos historicamente estabelecidos, como explicado por Foucault (1979).

⁸ Informação concedida na entrevista com a jornalista.

A E-3 fez um balanço sobre a atuação das mulheres antes e hoje na área investigativa, segundo a jornalista, no passado não se tinha muita oportunidade para realizar reportagens mais aprofundadas devido ao machismo, mas hoje, embora se tenha mais oportunidades de atuação, são poucas as mulheres que escolhem atuar na área investigativa. Podemos verificar que essa diferença se dá pelos papéis já estabelecidos, como explica Beauvior (1980, p.98) “o lugar da mulher na sociedade é sempre eles que estabelecem. Em nenhuma época ela impôs a sua própria lei.”

4.4 Particularidades das mídias

As entrevistadas E-2 e E-3 destacaram algumas diferenças no jornalismo praticado em cada mídia. A E-2 comentou que apesar de acostumados com as notícias rápidas, as reportagens mais extensas têm espaço na internet, porém, os leitores não as leem de uma vez, mas aos poucos. E destacou a importância de se ampliar as fontes por meio de *hyperlinks*, assim, o leitor consegue acessar a informação primária.

A E-3 comentou sobre a diferença na cobertura do impresso para a televisão. Enquanto no impresso se tem mais tempo para a apuração, no jornalismo investigativo televisivo, por sua vez, o profissional precisa lidar com a velocidade e concorrência da internet. Já para a E-1, independente da plataforma o desafio do jornalista é contar essa história e atrair o público.

4.5 Jornalismo investigativo no Brasil

Embora inserido em outro contexto, a prática investigativa no Brasil possui as suas peculiaridades. A E-1 comentou sobre a evolução das práticas e as diferenças entre Brasil e Estados Unidos. Para a jornalista, a característica principal do jornalismo nos Estados Unidos é a investigação própria, enquanto no Brasil essa atuação depende de documentos dos órgãos oficiais e de fontes oficiais. A E-2 comentou sobre a crise de modelo na grande imprensa, que trouxe novas ideias de jornalismo, com destaque às mídias independentes na internet, onde tem surgido novas iniciativas de jornalismo. Para a E-3 o jornalismo investigativo brasileiro possui

uma característica própria, diferente da dos Estados Unidos, que teve como marco o escândalo de Watergate – já mencionado por Fortes (2005). No Brasil, o jornalismo investigativo esbarra com a investigação policial, pela relação existente entre política e polícia. A entrevistada também destacou a diferença dos métodos, enquanto em outros países o jornalista tem maior tempo na apuração, no Brasil o profissional da área tem que lidar com a pressão dos veículos e também o desinteresse por parte de alguns, já que a investigação aprofundada requer tempo e maior investimento.

4.6 Método

De acordo com Moral (2004, p. 135), o que diferencia o jornalismo investigativo das outras áreas é a documentação, entrevistas pessoais, constatação das fontes especializadas e independentes. Essas características podem ser observadas nos métodos das entrevistadas.

Para a E-1 o método de investigação não se diferencia de acordo com o veículo, o que muda é o tempo de apuração, tendo em vista o fechamento da edição (no caso do jornal impresso) e a concorrência com a velocidade das informações na internet. A E-1 acredita que por conta dessa interatividade e velocidade na internet os procedimentos estejam mudando. A E-2, que trabalha com assuntos ligados aos direitos humanos, utiliza como método uma pergunta-chave, que a orienta nas investigações, mas ressalta que varia de método de acordo com o direcionamento da matéria. Para a E-3, que trabalha na área de policial, o método varia de acordo com a denúncia e depende da percepção do jornalista, é necessária a apuração rigorosa para ver os interesses por trás de determinado assunto.

4.7 A mulher e o Jornalismo Investigativo

Embora o número de mulheres jornalistas tenha aumentado, pode-se perceber que as mesmas não ocupam a maioria dos cargos de chefia nas redações e ainda sofrem com preconceitos ligados à questão de gênero. A E-2 comentou que teve problemas com os chefes em alguns locais onde trabalhou pelo fato de ser mulher.

A Pesquisa Desigualdade de gênero no jornalismo⁹ aponta que 77,9% já sofreram assédio moral da chefia ou de colegas de trabalho e 70,7% delas acreditam que já deixaram de ser designadas para uma pauta por serem mulheres. A E-3 fez um paralelo entre as oportunidades na área há alguns anos, que eram predominantemente masculinas, e hoje, quando se tem mais espaço para a mulher. Porém, no início da sua carreira chegou a não cobrir pautas por ser mulher. A entrevistada observa que o número de mulheres que optam por essa área investigativa é menor, pois na sua visão existe um certo desinteresse pela área investigativa que se dá também pela violência contra jornalistas. Para a E-1, hoje as mulheres têm espaço para trabalhar na área, mas de vez em quando ela percebe algumas piadas machistas por parte dos colegas.

Sobre os aspectos positivos da profissão a E-1 destacou a possibilidade de se analisar com profundidade um assunto e como dificuldade a questão do imediatismo e também a falta de investimento na área investigativa por parte das redações. Já a E-2 apontou mais uma vez como ponto positivo a internet, que possibilitou maior acesso do público ao jornalismo de investigação, sendo que por atuar com direitos humanos o envolvimento com alguns temas, como vulnerabilidade, pode ser um aspecto negativo. A E-3 destacou como aspecto positivo a facilidade que a internet proporciona para se chegar mais rápido aos resultados, citou aplicativos como o Whatsapp e o Facebook que aproxima o repórter da fonte e como aspecto negativo as ameaças que sofre na cobertura policial.

Considerações finais

Neste artigo buscamos discutir primeiramente a inserção da mulher no mercado de trabalho, com foco no jornalismo, tendo em vista que ao longo desse processo observa-se uma feminização da redação particularmente no Brasil. Posteriormente discutimos a questão de

⁹ Disponível em: <http://www.sjpdf.org.br/noticias-teste/38-extra/2929-pesquisa-do-sindicato-revela-as-dificuldades-enfrentadas-pelas-jornalistas-no-ambiente-de-trabalho>

gênero, utilizando conceitos de Beauvior, Bourdieu e Lipovetsky. Dessa forma, buscamos problematizar o preconceito, a naturalização do machismo, que se reflete no mercado de trabalho. Por fim, apresentamos a pesquisa de campo realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas, nas quais observamos que o método de investigação incorporou novas práticas, como o jornalismo de dados e o relacionamento mais intenso com o público, por meio das redes sociais digitais.

Pudemos observar com a análise das entrevistas, que as apropriações contemporâneas do Jornalismo Investigativo, que são a utilização de jornalismo de dados e Big Data para a apuração, além das redes sociais, emergem naturalmente como prática das jornalistas mais jovens. Por meio dos relatos das entrevistadas vimos que a violência de gênero, não na mesma proporção que no passado, ainda fazem parte da realidade das redações.

Verificamos que o olhar feminino aparece quando as jornalistas trabalham com temáticas voltadas ao gênero, assim na sugestão da pauta e no direcionamento da matéria, podemos dizer que dependendo do tema tratado se tem impacto na produção noticiosa.

5. Referências bibliográficas

ABRAJI, Associação brasileira de jornalismo investigativo. **Relatório aponta aumento de jornalistas mulheres em redações latino-americanas.** Disponível em: <http://www.abraji.org.br/?id=90&id_noticia=3306> . Acesso em: 24 fev. 2016.

BEAUVIOR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 309 p.

BOFF, Leonardo; MURARO, Rose Marie. **Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças.** Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2002. 288p.

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160 p.
- COELHO, Aparecido Antonio dos Santos. **Hiperlocal, dados e aplicativos: inovações nas narrativas do jornalismo**. 2016. 195 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Metodista de São Paulo.
- FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. Editora Contexto, 2005. 128 p.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 18ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. 295 p.
- GONÇALVES, Elizabeth Moraes. Práticas(Org.). **Práticas comunicacionais: sujeitos em (re)ação**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2013. 264 p.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher – permanência e revolução do feminino**. Editora Instituto Piaget. Ed. 1º, 2000. 308 p.
- MELO, Seane Alves. **De que jornalismo investigativo estamos falando?** In: COMPÓS. Disponível em <http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-b29faa73-0764-405e-8558-024d7ea913f0_2853.pdf>. Acesso em: 02/11/2015
- MORAL, Javier Fernández Del (coord.). **Periodismo especializado**. Editorial Ariel, 2004.
- PINSKY, Carla Bassanezi (Org.); PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- QUEIROZ, Natália Costa. **O corpo é a mensagem – Jornalistas mulheres e o stunt reporting no final do século XIX**. 3f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PosJor) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

QUEIROZ, Natália Costa. In: Fazendo gênero 10 desafios atuais dos feminismos. **Lugar de mulher é na redação - o jornalismo performático e o destaque alcançado por repórteres mulheres**. 11f. (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.

QUEIROZ, Natália Costa Cimó. In: 11º encontro nacional de pesquisadores em Jornalismo. **O jornalismo performático de Nellie Bly**. (Anais Eletrônicos), 19f. 2013.

RAMOS, Regina Helena de Paiva. **Mulheres jornalistas: a grande invasão**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Faculdade Cásper Líbero. 2010. 360 p.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo investigativo: o fato por trás da notícia**. 1ª edição. São Paulo: Editora Summus, 2005. 200 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=SfCC_dT6mpIC&pg=PA23&lp=PA23&dq=jornalismo+investigativo+nilson+lage+++dines&source=bl&ots=1UNn5BtgR-&sig=OE6LGmHDeZqJdluECrxqNhIfPns&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwi9qunm0aXNAhXFPPAKHdkGDroQ6AEIIzAB#v=onepage&q=jornalismo%20investigativo%20nilson%20lage%20e%20%20dines&f=false>. Acesso em: 13 de jun. de 2016.

SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history**. New York, Columbia University Press. 1989.

SJPDF - Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal. **Pesquisa do Sindicato revela as dificuldades enfrentadas pelas jornalistas no ambiente de trabalho**. Disponível em: <<http://www.sjpdf.org.br/noticias-teste/38-extra/2929-pesquisa-do-sindicato-revela-as-dificuldades-enfrentadas-pelas-jornalistas-no-ambiente-de-trabalho>>. Acesso em: 13 de jun. de 2016.



Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo

III Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo
Universidade Anhembi-Morumbi, 23 a 25 de junho de 2016